

*Jesus lhe diz: Não te digo que até sete,
mas até setenta [vezes] sete.*

Mateus
18:22

Desculpar

Atende ao dever da desculpa infatigável diante de todas as vítimas do mal para que a vitória do bem não se faça tardia.

Decerto que o mal contará com os empreiteiros que a Lei do Senhor julgará no momento oportuno, entretanto, em nossa feição de criaturas igualmente imperfeitas, suscetíveis de acolher-lhe a influência, vale perdoar sem condição e sem preço, para que o poder de semelhantes intérpretes da sombra se reduza até a integral extinção.

Recorda que acima da crueldade encontramos, junto de nós, a ignorância e o infortúnio que nos cabe socorrer cada dia.

Quem poderá, com os olhos do corpo físico, medir a extensão da treva sobre as mãos que se envolvem no espinheiral

do crime? Quem, na sombra terrestre, distinguirá toda a percentagem de dor e necessidade que produz o desespero e a revolta?

Dispõe-te a desculpar hoje, infinitamente, para que amanhã sejas também desculpado.

Observa o quadro em que respiras e reconhecerás que a natureza é pródiga de lições no capítulo da bondade.

O sol releva, generoso, o monturo que o injuria, convertendo-o sem alarde em recurso fertilizante.

O odor miasmático do pântano, para aquele que entende as angústias da gleba, não será mensagem de podridão mas sim rogativa comovente, para que se lhe dê a bênção do reajuste, de modo a transformar-se em terra produtiva.

Tudo na vida roga entendimento e caridade para que a caridade e o entendimento nos orientem as horas.

Não olvides que a própria noite na Terra

é uma pausa de esquecimento para que aprendamos a ciência do recomeço, em cada alvorada nova.

“Faze a outrem aquilo que desejas te seja feito” — advertiu-nos o Amigo excelso.

E somente na desculpa incessante de nossas faltas recíprocas, com o amparo do silêncio e com a força da humildade, é que atingiremos, em passo definitivo, o reino do eterno bem com a ausência de todo mal.

(Ceifa de luz. Ed. FEB. Cap. 2)

Para viver melhor

A importância do perdão, de modo geral, ainda não foi claramente compreendida pelos companheiros domiciliados no Plano Físico.

O espírito, em estágio na Terra, é um inquilino do corpo em que reside transitoriamente.

Imaginemos o usufrutuário da moradia a martelar estruturas da sua própria casa, em

momentos de revolta e azedume.

Quanto mais repetidos os acessos de amargura e ressentimento, mais ampla a depredação em prejuízo próprio.

Esse é o quadro exato da criatura, habituada às reações negativas, nos instantes de prova ou desagrado.

Daí nascem muitas das moléstias obscuras, diagnosticáveis ou não, agravando as condições do veículo físico, já de si mesmo frágil e vulnerável, embora maravilhosamente constituído.

Se tens mágoa contra alguém, observa que esse alguém não terá agido com os teus conceitos e pensamentos.

O amor nos vinculará sempre a determinado grupo de pessoas, entretanto, em nosso próprio benefício, amemo-las, tais quais são, sem exigir que nos amem, sob pena de cairmos frequentemente em desequilíbrio e abatimento.

Doemos alma e coração aos seres queridos, sem escravizá-los a nós e sem nos

escravizarmos a eles.

Por muito se nos enlacetem no mundo físico, sob as teias da consanguinidade, saibamos deixá-los libertos de nós, a fim de serem o que desejam, na certeza de que a escola da experiência não funciona inutilmente.

A criança é responsabilidade nossa e responderemos, ante as leis da vida, pela proteção ou pelo abandono que estejamos devotando aos pequeninos confiados à nossa tutela temporária.

Os adultos, porém, são donos dos próprios atos e, não será justo chamar a nós, as consequências das empresas a que se adaptem ou dos caminhos que escolham, tanto quanto não seria razoável, atribuir a eles os resultados de nossas próprias ações.

Perdão e tolerância são alavancas de sustentação da nossa paz íntima.

Desculpar faltas e agravos será libertar-nos de choques e golpes que vibrariamos sobre nós mesmos, criando em nós e para nós, dilapidações e doenças de resultados

imprevisíveis.

Ensinou-nos o Cristo: “Perdoa não sete vezes mas setenta vezes sete vezes”.

Isso, na essência, quer dizer que não somente nos cabe esquecer as ofensas recebidas em proveito próprio, mas também significa que seria ilógico disputar atenção e carinho daqueles que porventura nos agridam, já compromissados, por eles mesmos, nas equações infelizes das atitudes a que se afeiçoem.

Em suma, para quem quiser na Terra trabalhar e progredir com mais saúde e paz, alegria e segurança, vale a pena perdoar constantemente para viver sempre melhor.

(Amigo. Ed. Cultura Espírita União. Cap. 16)

Agressores e nós

Quase sempre categorizamos aqueles que nos ferem por inimigos intoleráveis; entretanto, o divino Mestre, que tomamos por guia, determina que venhamos a

perdoar-lhes setenta vezes sete.

Por outro lado, as ciências psicológicas da atualidade terrestre nos recomendam que é preciso desinibir o coração, escoimando-o de quaisquer ressentimentos, e estabelecer o equilíbrio das potências mentais, a fim de que a paz interior se nos expresse por harmonia e saúde.

Como, porém, executar semelhante feito? Compreendendo-se que o entendimento não é fruto de meras afirmativas labiais, reconhecemos que o perdão verdadeiro exige operações profundas nas estruturas da consciência.

Se a injúria nos visita o cotidiano, pensemos em nossos opositores na condição de filhos de Deus, tanto quanto nós, e, situando-nos no lugar deles, analisemos o que estimariámos receber de melhor das Leis divinas se estivéssemos em análogas circunstâncias.

À luz do novo entendimento que nos repontará dos recessos da alma,

observaremos que muito dificilmente estaremos sem alguma parcela de culpa nas ocorrências desagradáveis de que nos cremos vítimas.

Recordaremos, em silêncio, os nossos próprios impulsos infelizes, as sugestões delituosas, as pequenas acusações indébitas e as diminutas desconsiderações que arremessamos sobre determinados companheiros, até que eles, sem maior resistência, diante de nossas mesmas provocações, caem na posição de adversários perante nós.

Efetuado o autoexame, não mais nos permitiremos qualquer censura e sim proclamaremos no coração a urgente necessidade de amparo da Misericórdia divina, em favor deles, e a nosso próprio benefício.

Então, à frente de qualquer agressor, não mais diremos no singular: "eu te perdoou", e sim reconheceremos a profunda significação das palavras de Jesus na oração dominical, ensinando-nos a pedir a Deus desculpas para as nossas próprias falhas,

antes de as rogar para os nossos ofensores, e repetiremos com todas as forças do coração:

“Perdoai, Senhor, as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores!”.

(*Rumo certo*. Ed. FEB. Cap. 15)

Perdoar e compreender

Muita gente perdoa, no entanto, não comprehende, e muita gente comprehende, todavia, não perdoa.

Muitos companheiros se alheiam às ofensas recebidas, procurando esquecê-las, mas querem distância daqueles que as formulam, sem lhes entender as dificuldades, e outros muitos comprehendem aqueles que os molestam, entretanto, não lhes desculpam os gestos menos felizes.

Perdoar e comprehender, porém, são complementos do amor e impositivos do aceitar os nossos companheiros da

humanidade, tais quais são.

Reflitamos nisso, reconhecendo que o entendimento e a tolerância que os outros solicitam de nós são a tolerância e o entendimento de que nós todos necessitamos deles.

É possível que nos haja ferido e igualmente provável tenhamos ferido a outrem. Alguém terá errado contra nós e teremos decerto errado contra alguém.

Pondera isso e compadece-te de todos os ofensores.

Quem te prejudica talvez age sob a ação compulsiva da necessidade; quem te menospreza, possivelmente sofre a influência de transitórios enganos; aquele que te esquece com aparente descaso estará enfermo da memória, e aquele outro ainda que te golpeia evidentemente procede sob a hipnose da obsessão.

Nunca te revoltes, nem desanimes.

Faze o bem, olvidando o mal.

Desculpemos quaisquer faltas,

compreendendo os autores delas, e
compreendamos os nossos irmãos em falta,
desculpando a todos eles.

Todos somos filhos de Deus e espíritos
eternos, em burilamento incompleto.

O amparo espiritual que doemos agora,
a favor de alguém, será o amparo espiritual
de que precisaremos todos da parte de outro
alguém.

Quando Jesus nos adverte: “perdoa
setenta vezes sete vezes a teu irmão”,
claramente espera que venhamos a
compreender outras tantas.

(Rumo certo. Ed. FEB. Cap. 56)

Abençoar

Deixa que a bênção de Deus te alumie o
coração para que saibas abençoar.

Ninguém prescinde do amor para viver.

Observa os que marcham, desdenhosos,
ignorando-te a presença, habituados à
convicção de que o ouro pode comprar a

felicidade.

Abençoá-os e passa.

Ninguém conhece o rochedo em que o
barco da ilusão lhes infligirá o derradeiro
travo de angústia.

Vês, inquieto, os que se desmandam no
poder.

Abençoá-os e passa.

Muitos deles simplesmente arrastam
as paixões que os arrastarão para o
gelo do ostracismo ou para a cinza do
esquecimento.

Contemplas, espantado, os que são
portadores de títulos preciosos, a te
exigirem considerações e tributos especiais.

Abençoá-os e passa.

O tempo cobrar-lhes-á aflitivo imposto
da alma pelas distinções que lhes conferiu.

Ouves, triste, os que injuriam e
amaldiçoam.

Abençoá-os e passa.

São eles tão infelizes que ainda não podem assinalar as próprias fraquezas.

Fitas, admirado, os que fazem tábua rasa dos mais altos deveres para desfrutarem prazeres loucos, enquanto a vitalidade lhes robustece o corpo jovem.

Abençoa-os e passa.

Amanhã, surgirão acordados, em mais elevado nível de entendimento.

Se alguém te fere, abençoa.

E se esse mesmo alguém volta a ferir-te, abençoa outra vez.

Não te prevaleças da crueldade para mostrar a justiça, porque a justiça integral é de Deus e todos viverão para conhecê-la.

Se teu filho é rebelde e insensato, abençoa teu filho, porque teu filho viverá.

Se teus pais são irresponsáveis e desumanos, abençoa teus pais, porque teus pais viverão.

Se o companheiro aparece ingrato e desleal, abençoa teu companheiro, porque

continuará ele vinculado à existência.

Se há quem te calunia ou persegue, abençoa os que perseguem e caluniam, porque todos eles viverão.

Humilhado, batido, esquecido ou insultado, abençoa sempre.

Basta a vida para retificar os erros da consciência.

Inquirido, certa vez, pelo Apóstolo quanto ao comportamento que lhe cabia perante a ofensa, afirmou Jesus: “Perdoarás não sete vezes mas setenta vezes sete.”

Com isso o divino Mestre desejava dizer que ninguém precisa vingar-se, porque o autor de qualquer crueldade tê-la-á como fogo nas próprias mãos.

(*Religião dos espíritos. Ed. FEB. Cap. “Abençoar”*)

Pergunta 338 do livro *O consolador*

Pergunta: Por que teria Jesus aconselhado perdoar “setenta vezes sete”?

Resposta: A Terra é um plano de experiências e resgates por vezes bastante penosos, e aquele que se sinta ofendido por alguém, não deve esquecer que ele próprio pode também errar setenta vezes sete.

(*O consolador*. Ed. FEB. Pergunta 338)

Ante o ofensor

Aquele que nos fere terá assumido, aos nossos olhos, a feição de inimigo terrível, no entanto, o divino Mestre que tomamos por guia de nosso pensamento e conduta, determina venhamos a perdoá-lo setenta vezes sete.

Por outro lado as ciências psicológicas da atualidade, absolutamente concordes com Jesus, asseveram que é preciso desinibir o coração de quaisquer ressentimentos e estabelecer o equilíbrio na governança de nossas potências mentais a fim que a tranquilidade se nos expresse na existência

em termos de saúde e harmonia.

Como, porém, realizar semelhante feito?

Entendendo-se que a compreensão não é fruto de afirmativas labiais, é forçoso reconhecer que o perdão exige operações profundas nas estruturas da consciência.

Se um problema desse nos aflora ao cotidiano, — à nós, os que aspiramos a seguir o Cristo —, pensemos primeiramente em nosso opositor na condição de filho de Deus, tanto quanto nós, e situando-nos no lugar dele, imaginemos em como estimariámos que a Lei de Deus nos tratasse, em circunstâncias análogas.

De imediato observaremos que Deus está em nosso assunto desagradável tanto quanto um pai amoroso e sábio se encontra moralmente na contenda dos filhos.

Então, à luz do sentimento novo que nos brotará do ser, examinaremos espontaneamente até que ponto teremos ditado o comportamento do adversário para conosco.

Muito difícil nos vejamos com alguma parte de culpa nos sucessos indesejáveis de que nos fizemos vítimas, mas ao influxo da divina Providência, a cujo patrocínio recorremos, ser-nos-á possível recordar os nossos próprios impulsos menos felizes, as sugestões delituosas que teremos lançado a esmo, as pequenas acusações indébitas e as diminutas desconsiderações que perpetrados, às vezes, até impensadamente, sobre o companheiro que não mais resistiu à persistência de nossas provocações, caindo, por fim, na situação de inimigo perante nós outros.

Efetuando o autoexame, a visão do montante de nossas falhas não mais nos permitirá emitir qualquer censura em prejuízo de alguém.

Muito pelo contrário, proclamaremos, de pronto, no mundo íntimo a urgente necessidade da Misericórdia divina para o nosso adversário e para nós.

Então, não mais falaremos no singular, diante daquele que nos fere — “eu te perdoo” — e sim, perante qualquer ofensor com que

sejamos defrontados no caminho da vida, diremos sinceramente a Deus em oração: “Pai de infinita Bondade, perdoai a nós dois.”

(*Atenção. Ed. IDE. Cap. 11*)

Perdoa e viverás

(*Trevo de ideias. Ed. GEEM. Cap. “Perdoa e viverás”*)¹⁴⁷

Perdão e vida¹⁴⁸

Perdão é requisito essencial no erguimento da libertação e da paz.

Habituamo-nos a pensar que Jesus nos teria impulsionado a desculpar “setenta vezes sete vezes” unicamente nos casos de ofensa à dignidade pessoal ou nas ocorrências do delito culposo; entretanto, o apelo do Evangelho nos alcança em áreas muito mais extensas da vida.

Se somarmos as inquietações e

sofrimentos que infligimos a nós mesmos por não perdoarmos aos entes amados pelo fato de não serem eles as pessoas que imaginávamos ou desejávamos, surpreenderemos conosco volumosa carga de ressentimentos que nada mais é senão peso morto, a impelir-nos para o fogo inútil do desespero.

Isso ocorre em todas as posições da vida.

Esquecemo-nos de que nenhum ser existe imobilizado, que todos experimentamos alterações no curso do tempo e não relevamos facilmente os amigos que se modificam, sem refletir que também nós estamos a modificar-nos diante deles.

Casamento, companheirismo, equipe, agrupamento e sociedade são instituições nas quais é forçoso que o verbo amar seja conjugado todos os dias.

Na Terra, esposamos alguém e verificamos, muitas vezes, que esse alguém não é a criatura que aguardávamos; entregamo-nos a determinados amigos e

observamos que não correspondem ao retrato espiritual que fazíamos deles; ou abraçamos parentes e colegas para a execução de certos empreendimentos e notamos, por fim, que não se harmonizam com os nossos planos de trabalho, e passamos a sofrer pela incapacidade de tolerar as condições e realidades que lhes são próprias.

Reflitamos, no entanto, que os outros se alteram à nossa frente, na medida em que nos alteramos para com eles.

Necessário compreender que se todos somos capazes de auxiliar a alguém, ninguém pode mudar ninguém através de atitudes compulsórias, porquanto cada criatura é uma criação original do Criador.

Aceitemos quantos convivam conosco, tais quais são, reconhecendo que, para manter a bênção do amor entre nós, não nos compete exigir a sublimação alheia, e sim trabalhar incessantemente e quanto nos seja possível pela sublimação em nós.

(Reformador, jul. 1975, p. 161)

147 Vide nota 9, p. 27.

148 Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Indulgência*. Ed. IDE. Cap. 7, com pequenas alterações.